

Missão impossível

Começa a temporada de 1996 para o lançamento dos blockbusters, os arrasa-quarteirões. *Missão Impossível* abre a temporada de verão americano.

E como isto começou?

Tom Cruise associou-se a sua própria agente, Paula Wagner, e fundaram uma companhia produtora. Para inaugurar a companhia produtora, eles buscavam um filme de grande apelo popular, que pudesse oferecer um poderoso *franshising* no mercado, não só com este filme, mas com suas possíveis continuações; para sempre associado à figura de Tom Cruise.

Para chegarem a uma resposta, não foi preciso muita originalidade. Bastou ligar a TV. *Missão Impossível*, a série-de-TV, oferecia o que procuravam. Neste estágio, o que importa não é a fidelidade aos princípios da série. Tudo se resume ao *high-concept*. Uma idéia que por si só já engaja o interesse do público em assistir ao filme: *Godzilla*, *Batman*, *Guerra nas Estrelas*, *Parque dos Dinossauros*, *Titanic*, *Top Gun*.

Quando Cruise falou aos executivos de estúdio sobre *Missão Impossível*, bastou pronunciar o nome da série de TV para todos ali identificarem o tipo, gênero e qualidade do filme. *High-concept*. A idéia central do filme tem que conquistar em menos de 25 palavras, como aprendemos em *O Jogador*.

Em seguida, com o apoio da Paramount, Cruise e Wagner saíram em busca de um diretor para viabilizá-lo. Brian De Palma parecia uma escolha adequada. Bom diretor de atores, consistente em sua longa produção de filmes, conhecido pela sua habilidade com o gênero do suspense, aberto a negociações com um produtor forte, minucioso e organizado. E, principalmente, buscando desesperadamente por um sucesso de bilheteria.

A carreira cinematográfica de Brian De Palma foi bastante acidentada. Para garantir sua liberdade (condicional) dentro do sistema, De Palma concentrou-se no gênero do suspense. Para isso, apropriou-se das técnicas cinematográficas e do conteúdo psicológico apresentados por um de seus mestres, Alfred Hitchcock, levando-os a uma escala acima, em termos de virtuosismo e perversidade. Críticos se mostravam impressionados com a inteligência visual de De Palma, além de uma sensibilidade ambígua em relação ao gênero comercial em que se inseria.

Depois de vários filmes, a carreira de De Palma carecia de algum sucesso de público recente que o deixasse em posição de destaque na indústria cinematográfica.

Rumores de sua aposentadoria já circulavam pela comunidade cinematográfica quando Brian de Palma assumiu a cadeira de diretor em *Missão Impossível*. Mais uma vez, submetia-se aos interesses de um grande estúdio e de um produtor forte -sua própria estrela no filme-, na esperança de garantir um sucesso de bilheteria e retomar a liberdade almejada para seus próximos filmes.

O período de roteirização seria fundamental para estabelecer as regras do jogo e legitimar o diretor -ou produtor- como responsável pelo projeto. Assim, deu-se início à disputa de poder entre Tom Cruise e Brian De Palma e suas respectivas visões do que seria o filme *Missão Impossível*.

Para Cruise, a questão é seguir uma fórmula de ação e entretenimento e valorizar sua imagem no filme, rendendo um material promocional que desse prosseguimento ao seu status na indústria. Para De Palma, o intento é viabilizar um sucesso de bilheteria e, também, imprimir sua personalidade a um material até então tão pasteurizado e vazio de conteúdo quanto qualquer outro filme de ação.

A consequência desse embate resultou num filme confuso, irregular, onde por vezes temos a dispensável cena de Cruise delirando sozinho num quarto de hotel, até momentos antológicos que remetem à série original, como a sequência dentro do quartel-general da CIA.

Ainda assim, analisando detidamente, o filme difere dos blockbusters por não ter a abordagem própria do gênero: pirotecnia publicitária, sem nenhum critério, só para acobertar a falta de conteúdo. Ao contrário, o filme carrega consigo os velhos valores de De Palma.

De Palma emprega um estilo próprio de dirigir com base num famoso axioma como visão de mundo, inspirado no próprio estilo narrativo de Hitchcock: tudo é aparência, ou como gosta de repetir, "um filme mente 24 vezes por segundo". Trata-se de uma oportunidade para construir quebra-cabeças e fazer com que o espectador reconstrua-os com o protagonista. Críticos levantaram a questão: o quanto desta visão de mundo não é apenas uma justificativa para fazer os filmes que De Palma gosta e sabe fazer, ao invés de ser sua verdadeira consciência moral. A pergunta fica no ar.

Enquanto isso, *Missão Impossível* preserva dois aspectos

interessantes de seus filmes: o primeiro e mais explícito, é sua desconfiança em relação ao establishment. Em outras palavras, a polícia é sempre de muito pouca utilidade (não espere encontrar um herói policial digno em seus filmes), as massas são estúpidas, um rebanho de iludidos. De Palma alimenta uma forte paranóia contra a coletividade. Políticos são corruptos, autoridades são decadentes ou burocráticas, como o “guardião” do cofre da CIA. As instituições são hipócritas e perigosas. O governo vive entre escândalos abafados e associações criminosas. Vide *Um Tiro na Noite*, *Olhos de Serpente*, *Vestida para Matar* ou *Julgamento Final*. Em geral, quem fazem os antagonistas são aqueles que, em outros filmes, consideraríamos os “mocinhos”.

O segundo aspecto dos filmes de DePalma é algo que já se encontra interiorizada na obra de Hitchcock: criar um protagonista cujo comportamento reproduz o comportamento do espectador. Em outras palavras, o desafio para o espectador e o protagonista é o mesmo; sofrendo a oposição de um antagonista oculto, que os faz acreditar em algo. No final, aquilo em que nós -espectador e protagonista- acreditamos revela-se uma ilusão de ótica, um golpe cinematográfico. Parece família à narrativa de De Palma? *Obsessão*, *Dublê de Corpo* e *Olhos de Serpente* são alguns exemplos. O herói começa como testemunha de um crime, figura passiva na narrativa, mas que, pouco a pouco, assume papel ativo na trama. Investiga o crime, tentando remontar o quebra-cabeça. Através de fragmentos, o herói tenta criar uma imagem de conjunto, encontrar a verdade. Mas, no final, o herói descobre-se manipulado. Percebe que os fragmentos só levam a uma interpretação da realidade. Interpretação esta induzida pelo antagonista. O protagonista/espectador manipulado pelo antagonista/criador da história. E, quase sempre, o antagonista é aquele que se faz passar por amigo. Chegamos ao axioma de De Palma: tudo é aparência, nada é realidade. E não é este, segundo De Palma, o papel do cinema americano? Enganar o espectador, fazê-lo crer que aquela ilusão é realidade, está de fato acontecendo? É justamente o que ele explora em seus filmes.

Em *Missão Impossível*, a abordagem de De Palma não é diferente. Ethan Hunt é testemunha da morte de toda sua equipe. Ele é acusado pelo crime. Para provar sua inocência, perseguirá o verdadeiro criminoso, utilizando-se da tecnologia -como o personagem de John Travolta fez em *Um Tiro na Noite*-

para encontrá-lo. Além disso, para encontrar a verdade, Hunt tem que se despir dele mesmo, de suas convicções, de sua personalidade original. Momento climático e mais representativo de tal processo é a sequência do “cofre da CIA”.

Para entrar lá, é preciso todo tipo de identificação: a retina do olho, digital, código memorizado. Mas, Hunt, ao contrário, terá que abdicar de tudo isso e mais o peso do seu corpo, o calor que emana, qualquer ruído que naturalmente faria. Terá que abdicar da sua presença física, do seu “eu”; para assim conquistar seus objetivos e naturalmente, descobrir -no enredo De Palma- que foi traído pelo seu amigo e pela esposa dele. Importante apontar que a esposa do amigo é o única elo de ligação que Hunt mantém com seu passado, com sua personalidade original. E é justamente este elo que se provará “contaminado” pelo crime. Não é coincidência o fato dela ser mulher e ainda mais casada com seu mentor e melhor amigo, fazendo valer inúmeras críticas à misoginia de De Palma, geralmente caracterizando a mulher nos seus filmes como objeto do desejo masculino ou, mais corretamente, como simples imagem criada e desejada pelo homem. Em geral, nos seus filmes, De Palma é mais cético em seu final: seu protagonista nunca consegue abdicar do próprio passado, da sua identidade original. Por isso, paga um preço alto. E não é assim com *Olhos de Serpente* ou *Julgamento Final*?

Já em *Missão Impossível*, com a tecnologia e com o sangue-frio de ator/agente, é possível interpretar outros personagens, abandonando sua personalidade. Mesmo sendo traído, Hunt vence porque também tem o poder de iludir. Só sobrevivem aqueles que fazem uso da arma do inimigo e iludem-no como ele nos ilude.

Infelizmente, todo este conteúdo, fiel aos preceitos do diretor, apagam-se no meio da falta de consistência no filme. Sofrendo ainda as pressões de um ator-produtor, De Palma oferece uma trama excessiva e irregular. Sem direito ao corte final, ainda teve que negociar com o estúdio para manter as características do filme. Não adianta: quando se confrontam questões práticas e financeiras com o conteúdo do filme, seu teor ideológico e as preocupações artísticas do diretor, ele está condenado a perder a batalha e, em outra escala, também a guerra.

Luiz Montes - diretor dos curta-metragens “Esperando Roque”
e “Banco de Sangue”